

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS BENTO GONÇALVES

LIMITAÇÕES DO HTML5
NO DESENVOLVIMENTO DE JOGOS MULTIPLATAFORMA

JEAN CARLO MACHADO

Bento Gonçalves, Dezembro 2015

JEAN CARLO MACHADO

LIMITAÇÕES DO HTML5
NO DESENVOLVIMENTO DE JOGOS MULTIPLATAFORMA

Monografia apresentada junto ao Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Orientador: Mr. Rafael Jaques

Bento Gonçalves, Dezembro 2015

RESUMO

LLorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

orem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

Palavras-chave: HTML5, Limitações, Jogos, Multiplataforma

ABSTRACT

LLorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

orem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.

Palavras-chave: HTML5, Limitações, Jogos, Multiplataforma

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 JOGOS

1.1.1 BENEFÍCIOS

Desenvolvedores de jogos web podem rapidamente satisfazer as necessidades de seus jogadores, mantendo-os leais a tecnologia HTML5 (Zhang 2012).

A maioria dos desenvolvedores demonstra interesse para o HTML5. (referenciar)

O tempo de desenvolvimento de uma aplicação em HTML5 é 67% menor (referenciar) que aplicações nativas. Isso mostra o custo efetivo de aplicações baseadas em HTML5.

A real vantagem de aplicações em HTML5 é o suporte horizontal entre as plataformas - que é a maior razão por trás do custo efetivo. (HASAN et al, 2012)

1.1.2 O MERCADO

A maior dificuldade em capturar uma base de usuários é que o mercado de dispositivos móveis é muito fragmentado e não existe uma única plataforma popular. (HASAN, 2012)

Segundo Janiszewski 2014: 80% do tempo total gasto usando dispositivos móveis é para a utilização de aplicativos, e 32% é para jogar vídeo games.

1.1.3 JOGOS E MULTIPLATAFORMA

1.1.4 HTML E MULTIPLATAFORMA

1.1.5 LIMITAÇÕES DE JOGOS MULTIPLATAFORMA COM HTML5

Funcionalidades foram disponibilizadas de diversas fontes e não foram construídas de forma consistente com as demais. Além disso, devida a única característica da Web, erros de implementação se tornam frequentes, e muitas vezes se tornam o padrão, pois outras funcionalidades dependem destas primeiras antes que elas estejam estáveis. (W3C manual)

Enquanto o HTML é desenvolvido muitas das funcionalidades disponibilizadas são testadas em apenas um pequeno conjunto de navegadores para um pequeno conjunto de versões (referência 2). Isso acarreta em suporte inconsistente. A forma mais segura de garantir suporte é testando em todas as versões alvo, todavia essa solução não é prática. (ref. 2)

Os desenvolvedores de navegadores podem interpretar/implementar as especificações erroneamente aumentando os problemas de compatibilidade.

1.2 ESTE TRABALHO

Este projeto propõe analisar as limitações do HTML5 quanto relativo a construção de jogos multiplataforma. Através de revisão bibliográfica e da criação de um protótipo de jogo multiplataforma.

2 PROBLEMA

A carência de definições concretas sobre a viabilidade da atual versão do HTML5 - aplicado ao desenvolvimento de jogos. O senso comum, acostumado com soluções nativas, acabam por monopolizar à construção de jogos nativos.

Os custos introduzidos no ciclo vida de um jogo, para diversas plataformas, é muito alto para ser considerado trivial. Cerca de 65% mais altos (segundo trabalho 2)

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar possíveis limitações no processo de desenvolvimento de jogos multiplataforma oriundas do atual estado de definição e implementação do HTML5.

Não é objetivo deste trabalho demonstrar os pontos fortes do HTML5, apenas suas limitações. Também não é objetivo deste trabalho comparar o HTML com outras tecnologias de desenvolvimento de jogos, como Flash Player, Silverlight ou alternativas Desktop.

2.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar as limitações de desenvolvimento de jogos nas plataformas Android e navegadores Desktop Google Chrome e Firefox. Os navegadores foram testados em suas últimas versões.

Optamos por Android, e não IOS, pois o primeiro contém a vasta maioria do mercado de dispositivos inteligentes, e por termos maior experiência na já mencionada plataforma.

Construir um protótipo que colabore para a fundamentação prática do assunto.

Não se pode detectar suporte ao HTML5. Pode-se detectar suporte as funcionalidades individuais como canvas, vídeo e geolocalização (Pilgrim 2010). O mesmo vale para HTML5 no contexto de jogos.

Vahatupa 2014 cita que video, audio, drag and drop, funcionalidades de gráficos e armazenamento offline são aspectos importantes do HTML5 para o desenvolvimento de jogos.

Com base nos estudos efetuados, e na experiência adquirida elencamos os seguintes itens que serão abordados neste trabalho:

- Performance
- Canvas

- CSS media queries
- Empacotadores HTML5
- Eventos de entrada
- Armazenamento
- Disponibilização de assets (controle de tamanhos, cache, etc)
- Aplicações offline

3 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que este trabalho busca mapear possíveis problemas do desenvolvimento multiplataforma em HTML ele serve para apoiar e justificar decisões relativas ao desenvolvimento de jogos multiplataforma.

Tem potencial apontar os pontos chave que necessitam de melhorias no HTML, consequentemente colaborando para a melhoria da própria especificação. Estimular e avançar o estudo da implementação da Open Web;

Muitos desenvolvedores estão familiarizados com as tecnologias da WEB ou apontam interesse na tecnologia. Não obstante, a opinião comum tende para soluções nativas em detrimento do desenvolvimento de jogos, este trabalho serve para verificar essa constatação.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 JOGOS

Segundo (Lemes 2009) jogo digital constitui-se em uma atividade lúdica composta por uma série de ações e decisões, limitada por regras e pelo universo do game, que resultam em uma condição final.

Video games melhoram as funções cognitivas, melhoram as capacidades criativas, e motivam uma visão positiva diante a falha (Granic, Lobel e Engels 2014).

A natureza dos jogos tem mudado drasticamente na última década, se tornando cada vez mais complexos, diversos, realísticos e sociais em sua natureza (Granic, Lobel e Engels 2014).

Habilidades espaciais derivadas de jogar jogos de tiro comercialmente disponíveis são comparáveis aos efeitos de um curso universitário que busca melhorar as mesmas habilidades (Granic, Lobel e Engels 2014).

4.1.1 Jogos Web

Não há muito que os títulos de jogos da web residiam em jogos como Traviam, desprovidos de animações. Compostos basicamente por formulários, imagens e textos. Não obstante, publicar jogos baseados em texto é uma atividade cada vez mais rara, sendo assim, pode-se concluir que interface gráfica se tornou uma funcionalidade mandatória (Vahatupa 2014).

Vahatupa 2014 afirma que:

Estudos sugerem que flexibilidade, em essência facilidade de entrada e saída, é uma das duas razões principais da utilização de jogos de navegadores. A outra razão primária é o fator social envolvido no jogo.

4.1.2 GÊNEROS

Uma classificação de jogos em gêneros é uma tarefa complexa. Segundo (Granic, Lobel e Engels 2014):

Segundo Granic, Lobel e Engels 2014, pp. 60:

Pela diversidade em itens e gêneros e a vasta quantidade de dimensões que os video games se encontram, uma taxonomia dos jogos contemporâneos é extremamente difícil de desenvolver (muitos já tentaram) .

Não obstante alguns padrões são discerníveis quanto aos jogos da web.

Os primeiros jogos eram limitados a tecnologias presentes, um gênero de que se desenvolveu bem foram os jogos de estratégia como o Travian.

Com as novas possibilidades do tecnológicas novas possibilidades e gêneros de jogos podem ser explorados na web.

4.1.3 MECÂNICA

A mecânica é composta pelas regras do jogo. Quais as ações disponíveis aos usuários, é fortemente influenciada pela categoria do jogo em questão.

4.2 JOGOS MULTIPLATAFORMA

Jogos em plataformas móveis trazem um novo conjunto de desafios para produtores de jogos. Um destes desafios é fornecer feedback suficiente para o jogador pois o dispositivo é limitado em proporções, som, tela etc.

A interface tem que ser o mais intuitiva o possível. No caso de dispositivos móveis, quanto menos gestos necessários melhor. Tornar previsível causa e efeito é uma boa característica para os jogos. Os desenvolvedores tem que evitar fazer o jogo para eles mesmos. E pela falta de crítica os designs tendem a ser ruins. Afinal o que os jogadores querem? LEMES (2009, pg XX) aponta alguns fatores procurados pelos usuários de jogos: Desafio, socializar, experiência solitária, respeito e fantasia.

Designers de jogos tem as seguintes possibilidades arquiteturais quando em face de desenvolver um novo jogo: Criar um jogo web, um jogo híbrido, ou nativo. As opções serão descritas abaixo.

4.2.1 JOGOS WEB

Um jogo web é um jogo que utiliza o HTML e ferramentas correlacionadas para sua construção. Este tipo de jogo é o que será abordado neste trabalho.

Entre seus pontos positivos pode-se listar:

- Necessitam de uma única base de código e pode rodar em todas as plataformas;
- Contém a mais vasta gama de desenvolvedores e muitos interessados em aprendê-la;
- Seus custos são inferiores, aos do desenvolvimento nativo devido a inexistência de duplicação da base de código;
- Não requerem instalação ou atualizações manuais
- Sua distribuição é superior ao estilo convencional de aplicações desktop(Vahatupa 2014)

Os pontos negativos dessa abordagem são o principal foco deste trabalho.

Mas a um nível macroscópico podemos citar:

- Programas que rodam na web são geralmente lentos se comparados aos nativos;
- Por falta de especificação ou incompletude de implementação.
- Nem todos os recursos disponíveis através das SDK's nativas estão presentes através do HTML5.

Além dos jogos web, há a possibilidade de criar jogos híbridos e nativos.

4.2.2 JOGOS HÍBRIDOS

Jogos híbridos são jogos geralmente desenvolvidos com tecnologias da web que rodam nativamente.

4.2.3 DESENVOLVIMENTO DE JOGOS NATIVOS

Pontos fortes:

- Habilita a melhor experiência de usuário pois permite utilizar ao máximo os recursos e funcionalidades dos dispositivos.

Pontos fracos:

- Porém, devido a cada plataforma conter seu próprio sistema operacional, com seus próprios *SDK's* totalmente incompatíveis, os desenvolvedores são forçados a desenvolver uma versão do jogo para cada plataforma alvo.
- Requer mais pessoas, e maior custo com possivelmente parte do mercado não atendido de qualquer forma.

4.3 WEB

4.3.1 OPEN WEB

A OWP (*Open Web Platform*), uma coleção de tecnologias livres, amplamente utilizadas e padronizadas. Quando uma tecnologia se torna amplamente popular, através da adoção de grandes empresas e desenvolvedores, ela se torna candidata a adoção pela OWP.

Mais do que um conjunto de tecnologias Open Web, é um conjunto de filosofias as quais a web se baseia.

Neste conjunto inclui-se:

- Descentralização;

- Transparência;
- Relevância;
- Imparcialidade;
- Consenso;
- Disponibilidade;
- Manutibilidade;

A W3C é a empresa responsável por grande parte das especificações da web como: HTML (em conjunto com a WHATWG), CSS, entre outros.

O processo da W3C consiste na elaboração de rascunhos de (*working drafts*) que passam por vários passos de revisão até se tornarem recomendações. As recomendações podem ser implementadas com segurança de que a especificação não mudará substancialmente. Apesar do processo ser rigoroso, está longe de perfeito. A especificação final do HTML4 contava com quatro erros publicados via errata (**HTML5**). Uma lista completa das especificações mantidas pela W3C pode ser encontrada em: <http://www.w3.org/TR/>.

Outras empresas estão envolvidas nas especificações da web, como a ECMA, responsável pelo JavaScript; Kronos, responsável pelo tEBGL, etc.

A tecnologia chave que inaugurou e alavancou este processo é o HTML.

4.4 HTML

HTML (*Hyper Text Markup Language*) é uma linguagem de marcação que define a estrutura semântica do conteúdo das páginas da web. Criada por Tim Berners Lee em 1989 no CERN. HTML é a tecnologia base para a criação de páginas web e aplicativos online. A parte denominada: "Hipertexto", refere-se a links que conectam páginas umas as outras, fazendo a Web como conhecemos hoje (*HTML HyperText Markup Language*).

A última versão do HTML é o HTML5, iniciado pela WHATWG e posteriormente desenvolvido em conjunto com a W3C. Seu rascunho foi proposto em 2008 e ratificado em 2014. Após 2011, a última chamada de revisão do HTML5, a WHATWG decidiu renomear o HTML5 para HTML (*HTML is the new HTML5*). Não obstante, o termo HTML5 permanece em utilização pela W3C.

Além da nomenclatura, existem pequenas diferenças nas especificações da W3C e WHATWG. A W3C vê a especificação do HTML5 como algo fechado, inclusive já iniciou o desenvolvimento do HTML 5.1. Já a WHATWG vê o HTML5 como uma especificação viva. A postura da W3C tende a criar uma especificação mais estável, já a da W3C reflete mais a realidade dos navegadores, que nunca implementam uma versão completamente. A Mozilla utiliza a especificação da WHATWG no desenvolvimento do Firefox e recomenda a da W3C para sistemas

que requeiram maior estabilidade. Neste trabalho optamos pela nomenclatura da WHATWG, utilizamos o termo HTML em detrimento a HTML5, sempre que semanticamente viável.

HTML foi especificado baseando-se no padrão SGML (*Standard Generalized Markup Language*).

Alguns benefícios do SGML são:

- Documentos declaram estrutura, diferentemente de aparência, possibilitando otimizações nos ambientes de uso (tamanho de tela, etc);
- São portáteis devido a definição de tipo de documento (*document type declaration*);

Apesar de o SGML especificar a não definição de aparência, os criadores de navegadores constantemente introduziam elementos de apresentação como o piscar, itálico, e negrito, que eventualmente acabavam por serem incluídos na especificação. Foi somente nas últimas versões que elementos de apresentação voltaram a ser proibidos reforçando as propostas chave do HTML como uma linguagem de conteúdo semântico, incentivando a utilização de outras tecnologias como o CSS para responder as demandas de apresentação.

Além do HTML, existe o XHTML, que é uma iniciativa de utilização de XML nas páginas da web. O XML é um padrão mais rigoroso que SGML e resulta em páginas sem problemas de sintaxe e tipografia. Alguns estimam que 99% das páginas HTML de hoje contenham ao menos um erro de estrutura (Pilgrim 2010). Uma das maiores vantagens do XML é que sistemas sem erros de sintaxe que podem ser facilmente interpretados por outras tecnologias como sistemas de indexação, buscadores, etc.

Para transformar o HTML em algo visível os navegadores utilizam motores de renderização. O primeiro passo efetuado por esses sistemas é decodificar o documento HTML para sua representação em memória. Este processo dá-se através da análise (*parsing*) e posterior tokenização, que é a separação do HTML em palavras chave que o interpretador pode utilizar.

Diferentemente do XHTML, HTML não pode ser decodificado através de tokenização tradicional. Deve-se ao HTML ser amigável ao programador, aceitando erros de sintaxe, dependente de contexto, buscando entregar a melhor aproximação possível. Esta característica deu origem a uma especificação para renderizar HTML (*HTML parser*).

Antes do HTML5 várias versões foram propostas, algumas radicais em seus preceitos. O XHTML 2.0, por exemplo, quebrava com toda a compatibilidade das versões anteriores e acabou por sendo descontinuado. Outrossim, a maioria das versões HTML de grande sucesso foram versões de retrospectiva (*retro-specs*). Versões que não tentavam idealizar a linguagem, buscando alinhar-se com os requerimentos do mercado (Pilgrim 2010). Não obstante, a ideia que a melhor forma de ajustar o HTML é substituindo ele por outra coisa ainda aparece de tempos em tempos (Pilgrim 2010).

Uma página HTML consiste em elementos que podem ter seu comportamento alterado através de atributos. Um elemento é o abrir fechar de uma tag e todo o conteúdo que dentro dele reside (*HTML and CSS - Design and Build Websites*, pp. 10–11). Por exemplo, na figura 4.1 o


```

<DOCTYPE HTML>
<html lang="en-US">
<head>
<meta charset="UTF-8">
<title></title>
</head>
<body>
  <video>
    <span>Seu navegador não suporta vídeo</span>
  </video>
</body>
</html>

```

Fig. 4.1: Exemplo de documento HTML



Fig. 4.2: Suíte HTML

elemento meta (<meta>) tem um atributo *charset*, que especifica o formato de codificação do documento.

Na sua versão inicial, o HTML contava com 18 elementos; atualmente existem aproximadamente cem (Pilgrim 2010). Não obstante, foi no HTML5 que a maior parte dos elementos que viabilizam a construção de jogos foram adicionados.

Uma das características do HTML que o torna tão popular é seu interesse em manter a retrocompatibilidade. Interpretadores HTML atingem isso ignorando os elementos que não conhecem, tratando seu vocabulário exclusivamente. Esse mecanismo permite que os desenvolvedores incluam marcação de reserva dentro dos elementos que podem não ser suportados. O elemento *span* na figura 4.1 só aparecerá para o usuário caso seu navegador não suporta a tag vídeo.

Além da convencional linguagem de marcação, HTML5 ou "HTML5 e amigos" é muitas vezes interpretado como um conceito guarda chuva para designar as tecnologias da web: HTML, CSS3 e JavaScript.

```
var elementos = document.querySelector( ".main, #scean" );
var elementosB = document.querySelectorAll( "a.minhaClasse, p" );
```

Fig. 4.3: Exemplo de utilização de seletores do DOM em JavaScript

4.4.1 DOM

O modelo de documento de objetos (*Document Object Model*) é a representação em memória de uma árvore de elementos HTML. Esta representação é definida por um conjunto de padrões que torna interoperável a manipulação de elementos através de JavaScript.

A primeira versão do DOM, DOM nível zero, foi parcialmente especificada no HTML 4 e permitia manipulação parcial dos elementos. Foi somente com a especificação do JavaScript em 1998 que o DOM nível 1 foi especificado, permitindo a manipulação de qualquer elemento. DOM nível 2 e 3 seguiram com melhorias nas consultas aos elementos e CSS.

A API de seletores do DOM permite alto nível de precisão e performance para buscar elementos.

A figura 4.3 demonstra a utilização dos seletores do DOM em um documento JavaScript. O método *querySelector* seleciona o primeiro elemento em conformidade com o padrão especificado. Já o método *querySelectorAll* seleciona todos os elementos que estão em acordo com o padrão especificado.

4.5 CSS

CSS (*Cascading Style Sheets*) é uma linguagem de folhas de estilo criada por Håkon Wium Lie em 1994 com intuito de definir a apresentação de páginas HTML. CSS, juntamente com JavaScript e HTML, compõem as tecnologias centrais no desenvolvimento WEB tornando-se parte da OWP; sua especificação é atualmente mantida pela W3C.

O termo *Cascading* refere-se ao fato de regras serem herdadas pelos filhos de um elemento, eliminando grande parcela de duplicação antes necessária para estilizar uma página. A diferenciação entre apresentação e estrutura, sendo neste caso o CSS responsável pela apresentação, é um dos pontos chave do SGML, motivo que tornou a utilização do CSS tão conveniente para o desenvolvimento WEB.

Antes do CSS era impossível ter estilos diferenciados para diferentes tipos de dispositivos, limitando a aplicabilidade dos documentos. Com CSS também tornou-se possível que o usuário declare suas próprias folhas de estilo, um recurso importante para acessibilidade.

Segundo «Cascading Style Sheets», pp. 23–24:

CSS possibilita a ligação tardia (*late biding*) com páginas HTML. Essa característica é atrativa para os publicadores por dois motivos. Primeiramente pois permite o mesmo estilo em várias publicações, segundo pois os publicadores podem focar-se no conteúdo ao invés de se preocuparem-se com detalhes de apresentação.

```
<style>
p {
    text-align: center;
    color: red;
}
</style>
```

Fig. 4.4: Exemplo de Folha de Estilo

CSS é formado por um conjunto de regras, dentro de uma tag HTML denominada *style*, que são agrupadas por seletores em blocos de declaração. Os elementos selecionados são denominados o assunto do seletor (*Selectors*). Seletores tem o intuito de definir quais partes do documento HTML serão afetadas por determinado bloco de declaração.

A figura 4.4 exemplifica este processo. O seletor em questão é o elemento `<p>`, simbolizando todos os parágrafos. O bloco de declaração é o que está dentro das chaves, aplicando alinhamento e cores aos parágrafos.

CSS é dividido em módulos, que representam conjuntos de funcionalidades, contendo aproximadamente 50 deles. Cada módulo evolui separadamente, esta abordagem é preferida pois permite uma maior entrega de novas funcionalidades, pois novos recursos não dependem da aceitação de outros para serem disponibilizados.

Além do módulos, CSS também é organizado por perfis e níveis.

Os perfis do CSS organizam a especificação por dispositivo de utilização. Existem perfis para dispositivos móveis, televisores, impressoras, etc. Existem conjuntos de regras que se aplicam somente a uma classe de dispositivos, ou que sofrem alterações nas regras conforme as regras.

Já os níveis organizam o CSS por camadas de abstração. Os níveis inferiores representam as funcionalidades vitais do CSS, os níveis superiores dependem dos inferiores para construir as funcionalidades elaboradas.

A primeira especificação do CSS, CSS1 (ou nível 1) foi lançada em 1996. Em 1997 foi lançado o CSS2 com o intuito de ampliar a completude do CSS1. Em 1998 iniciou-se o desenvolvimento do CSS3 que ainda continua em 2015. Além do nível 3 existem módulos de nível 4 no CSS, não obstante o termo CSS3 ainda é o mais utilizado.

Apesar da clara evolução das versões do CSS, esse processo nem sempre é linear. Em 2005 o grupo de trabalho do CSS decidiu aumentar a restrição de suas especificações rebaixando o CSS2.1, Seletores do CSS3 e Texto do CSS3 de recomendações para rascunhos.

O CSS3, introduziu várias funcionalidades relevantes para jogos, como *media-queries*, transições, transformações 3D, entre outros.

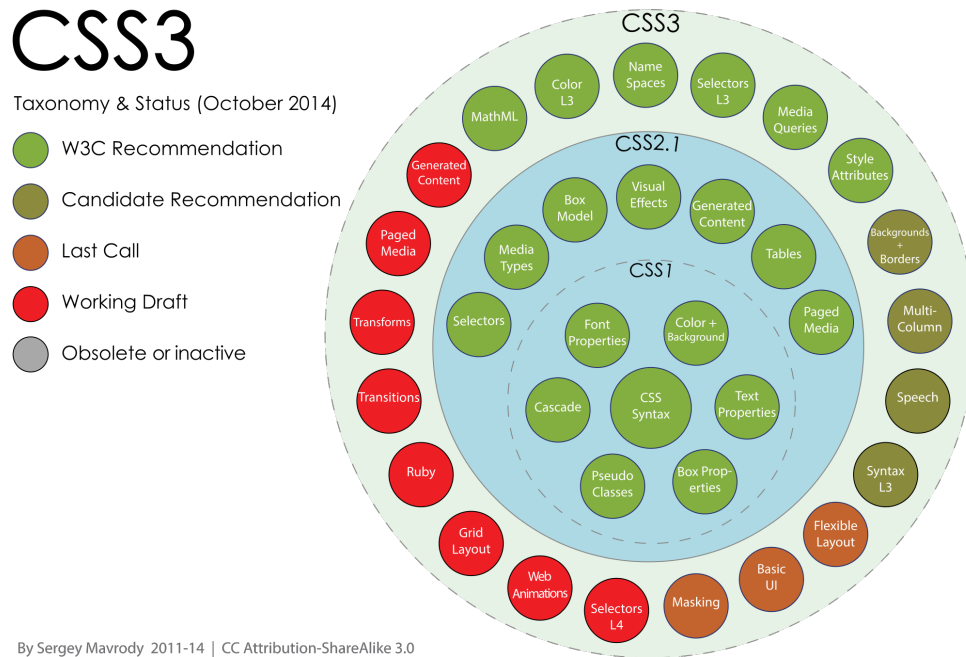


Fig. 4.5: Os módulos do CSS

Fig. 4.6: *

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CSS3_taxonomy_and_status-v2.png

```
@media only screen and (min-width: 1024px) {
  background-color: green;
}
```

Fig. 4.7: Exemplo de media query

4.5.1 Media Queries

Media Queries permitem aplicar regras a dispositivos específicos, dependendo de suas capacidades, como resolução, orientação, tamanho de tela, entre outros.

A especificação prevê a possibilidade de aplicar seletores dentro de arquivos CSS, ou aplicar arquivos inteiros dependentemente das configurações do aparelho em questão.

A figura 4.7 demonstra a aplicação de uma regra via seletor Media query, aplicando o a cor de fundo para dispositivos com no mínimo 1024 px de resolução.

CSS nível 4 permite a utilização de media queries (*Custom Media Queries*) criados pelo usuário, com regras e definições customizadas. A figura 4.8 demonstra as novas possibilidades de definição de media queries tanto em CSS como em JavaScript.

4.5.2 Transições

É uma forma de adicionar animações em uma página web. Estas animações são compostas por um estado inicial e um final. A especificação de transições permite grande controle sobre a

```
@custom-media --narrow-window (max-width: 30em);

<script>
CSS.customMedia.set('--foo', 5);
</script>
```

Fig. 4.8: Exemplo de media queries customizados

Fig. 4.9: *

Fonte: <https://developer.mozilla.org/en-US/docs/Web/CSS/MediaQueries>

```
<style>
.test:hover
{
    -webkit-transform: scale(1.2);
    -ms-transform: scale(1.2);
    transform: scale(1.2);
}
</style>
```

Fig. 4.10: Exemplo de transição

transição. Habilitando o desenvolvedor a controlar o tempo de execução os estados intermediários de uma transição.

Atualmente um conjunto finito de propriedades podem ser animadas com transições, e essas lista tende a mudar com o tempo, cabe ao desenvolvedor assegurar-se que determinada propriedade está disponível (*Using CSS transitions*).

Transições são interessantes em jogos, especialmente pois muitos navegadores suportam aceleração de GPU (Unidade de processamento gráfico) para estas operações. Isso garante grandes benefícios de performance sobre implementações diretamente em JavaScript.

A transição demonstrada na figura 4.10 escala o tamanho do elemento com a classe (*test*) para vinte por cento a mais do seu tamanho original. Perceba também os comandos repetidos com o prefixo ms e WebKit. Esse tipo de abordagem é comum para tecnologias que não passam de rascunhos na especificação.

Navegadores tentam otimizar a experiência de navegação definindo um conjunto de regras e configurações razoáveis para a maioria dos casos. Não obstante, nem sempre estes valores padrões são as melhores opções no contexto de jogos. Abaixo segue uma lista de configurações interessantes para se fazer com CSS no contexto de desenvolvimento de jogos.

4.5.3 CSS4

Apesar de o termo CSS4 ser bastante utilizado, o grupo de trabalho do CSS não considera mais a existência de versões, como foi até o CSS3. Não obstante existem recursos cuja espe-

cifiação está avançada e não estavam presentes no css3 quando este foi lançado, dentre estas funcionalidades inclui-se:

- Suporte a variáveis no CSS
- Media queries customizadas
- Funções de cores como: color(), hwb() e gray()
- Suporte a filtros

Recursos recentes do CSS muitas vezes não estão presentes nos navegadores, não obstante muitos deles são interessantes no contexto de desenvolvimento de jogos, como o suporte a variáveis.

O projeto cssnext <http://cssnext.io/> é uma iniciativa para permitir a utilização dos recentes recursos do CSS mesmo sem os mesmos estarem implementados nos navegadores. O projeto funciona compilando o código não suportado em algo compatível com versões para as versões implementadas pelos navegadores.

Além da apresentação, recurso vital para jogos, e aplicativos web em geral, é a iteratividade. Com as tecnologias da WEB esta iteratividade é atingida através do JavaScript.

4.6 JAVASCRIPT

EMAScript, melhor conhecida como JavaScript, criada por Brendan Eich em 1992, é a linguagem de script da Web. Devido a tremenda popularidade entre comunidade de desenvolvedores a linguagem foi abraçada pela W3C e atualmente é um dos componentes da Open Web.

As definições da linguagem são descritas na especificação ECMA-262. Esta possibilitou o desenvolvimento de outras implementações além da original (SpiderMonkey) como o Rhino, V8 e TraceMonkey; bem como outras linguagens similares como JScript da Microsoft e o ActionScript da Adobe.

Segundo a *ECMAScript 2015 Language Specification*:

Uma linguagem de script é uma linguagem de programação que é usada para manipular e automatizar os recursos presentes em um dado sistema. Nesses sistemas funcionalidades já estão disponíveis através de uma interface de usuário, uma linguagem de script é um mecanismo para expor essas funcionalidades para um programa protocolado.

No caso de JavaScript na web, os recursos manipuláveis são o conteúdo da página, elementos HTML, elementos de apresentação, a própria janela do navegador e variados outros recursos que tem suporte adicionado por novas especificações.

A intenção original era utilizar o JavaScript para dar suporte aos já bem estabelecidos recursos do HTML, como para validação, alteração de estado de elementos, etc. Em outras palavras, a utilização do JavaScript era opcional e as páginas da web deveriam continuar operantes sem a presença da linguagem.

Não obstante, com a construção de projetos Web cada vez mais complexos, as responsabilidades delegadas ao JavaScript aumentaram a ponto que a grande maioria dos sistemas web não funcionarem sem ele. JavaScript não evoluiu ao passo da demanda e muitas vezes carece de definições expressivas, completude teórica, e outras características de linguagens de programação mais bem estabelecidas, como o C++ ou Java (Barnett 2014).

A última do JavaScript, o JavaScript 6, é um esforço nessa direção. JavaScript 6 ou EMAScript Harmonia, contempla vários conceitos de orientação a objetos como classes, interfaces, herança, tipos, etc. Não obstante o suporte ao JavaScript 6 é apenas parcial em todos os navegadores. O site <http://kangax.github.io/compat-table/es6/> apresenta um comparativo de suporte das funcionalidades do JavaScript.

Segundo *ECMAScript 6 Today* o suporte no início de 2015 era o seguinte:

- Chrome: 30%
- Firefox: 57%
- Internet Explorer : 15%
- Opera: 30%
- Safari: 19%

Estes esforços de padronização muitas vezes não são rápidos o suficiente para produtores de software web, demora-se muito até obter-se um consenso sobre quais as funcionalidades desejadas em determinada versão e seus detalhes de implementação. Além da espera por especificações, uma vez definidas, é necessário que os navegadores especificado.

O projeto babel <https://github.com/babel/babel> é um compilador de JavaScript 6 para JavaScript 5. Permitindo que, mesmo sem suporte, os desenvolvedores possam usufruir dos benefícios da utilização do JavaScript 6 durante o tempo de desenvolvimento, gerando código em JavaScript 5 para rodar nos navegadores.

Alternativamente, existe uma vasta gama de conversores de código - (*transpilers*) - para JavaScript; possibilitando programar em outras linguagens posteriormente gerando código JavaScript. Entretanto, essa alternativa tem seus pontos fracos, necessita-se de mais tempo de depuração, visto que o JavaScript gerado não é conhecido pelo desenvolvedor, e provavelmente o código gerado não será tão otimizado, nem utilizará os recursos mais recentes do JavaScript.

Mesmo com suas fraquezas amplamente conhecidas, JavaScript está presente em praticamente todo navegador atual. Sendo uma espécie de denominador comum entre as plataformas.

Essa onipresença torna-o integrante vital no processo de desenvolvimento de jogos multiplataforma em HTML5. Vários títulos renomeados já foram produzidos que fazem extensivo uso de JavaScript, são exemplos: Candy Crush Saga, Angry Birds, Dune II, etc.

Jogos Web são geralmente escritos na arquitetura cliente servidor, JavaScript pode rodar em ambos estes contextos, para tanto, sua especificação não define recursos de plataforma. Distribuidores do JavaScript complementam a o JavaScript com recursos específicos para suas plataformas alvo. Por exemplo, para servidores, define-se objetos como: console, arquivos e dispositivos; no contexto de cliente, são definidos objetos como: janelas, quadros, DOM, etc.

Para o navegador o código JavaScript geralmente é disposto no elemento script dentro de arquivos HTML. Quando os navegadores encontram esse elemento eles fazem a requisição para o servidor e injetam o código retornado no documento, e a não ser que especificado de outra forma, iniciam sua execução.

4.6.1 JAVASCRIPT 7

Antes da finalização da especificação 6, algumas funcionalidades do JavaScript 7 já haviam sido propostas. Na página <https://github.com/tc39/ecma262> pode-se conferir os itens propostos e seu estágio de evolução.

Alguns dos recursos esperados para o JavaScript 7 são: guards, contratos e concorrência no laço de eventos (*A first look at what might be in ECMAScript 7 and 8*).

A figura 4.12 é a tabela de funcionalidades sugeridas e seu estágio no caminho da especificação.

4.6.2 ASM.JS

Asm.js é um subconjunto da sintaxe do JavaScript a qual permite grandes benefícios de performance quando em comparação com JavaScript normal. Entretanto, não é trivial escrever código em asm.js e geralmente a criação de código asm.js é feita através da conversão de outras linhagens como C. O projeto Emscripten <https://github.com/kripken/emscripten> pode ser utilizado para gerar código em asm.js é utilizado pelo motor de jogos Unity 3D e Unreal.

No contexto dos jogos performance é um fator de extrema importância asm.js se destaca por utilizar recursos que permitam otimizações antes do tempo (*ahead of time optimizations*). Grade parcela da performance adicional, em relação ao JavaScript, é devido a consistência de tipo e a não existência de um coletor de lixo (*garbage collector*) - a memória é gerenciada manualmente através de um grande vetor. Esse modelo simples desprovido de comportamento dinâmico, sem alocação e desalocação de memória, apenas um bem definido conjunto de operações de inteiros e flutuantes possibilita grade performance e abre espaço para otimizações.

O desenvolvimento do asm.js iniciou-se no final de 2013 não obstante a maioria dos navegadores não implementam ou implementam parcialmente o rascunho. O motor JavaScript da Mozilla, SpiderMonkey, é a exceção, implementando a grande maioria dos recursos do asm.js.





	Proposal	Champlon	Stage
	Array.prototype.includes	Domenic Denicola, Rick Waldron	4
	Exponentiation Operator	Rick Waldron	3
	SIMD.JS - SIMD APIs + polyfil	John McCutchan, Peter Jensen, Dan Gohman, Daniel Ehrenberg	3
	Async Functions	Brian Terlson	3
	Object.values/Object.entries	Jordan Harband	3
	String padding	Jordan Harband & Rick Waldron	3
	Trailing commas in function parameter lists and calls	Jeff Morrison	3
	function.sent metaproperty	Allen Wirfs-Brock	2
	Rest/Spread Properties	Sebastian Markbage	2
	ArrayBuffer.transfer	Luke Wagneer & Allen Wirfs-Brock	1
	Additional export-from Statements	Lee Byron	1
	Class and Property Decorators	Yehuda Katz and Jonathan Turner	1
	Function.prototype.toString revision	Michael Ficarra	1
	Observable	Kevin Smith & Jafar Husain	1
	String.prototype.{trimLeft,trimRight}	Sebastian Markbage	1
	Class Property Declarations	Jeff Morrison	1
	String#matchAll	Jordan Harband	1
	Shared memory and atomics	Lars T Hansen	1
	Callable class constructors	Yehuda Katz and Allen Wirfs-Brock	1
	System.global	Jordan Harband	1

Fig. 4.11: Propostas do ECMA 7

Fig. 4.12: *

Fonte: <https://github.com/tc39/ecma262>

4.6.3 WEB Assembly

WebAssembly (short: `wasm`) is a new binary format for the WEB, created by Google, Microsoft, Mozilla and others. It will be used for performance critical code and to compile languages other than JavaScript (especially C/C++) to the WEB platform. It can be seen as a next step for `asm.Javascript`

In general, by keeping the non-Web path such that it doesn't require Web APIs, WebAssembly could be used as a portable binary format on many platforms, bringing great benefits in portability, tooling and language-agnosticity (since it supports C/C++ level semantics).

External code bases, especially those in C/C++, will be easy to port to the WEB platform, via WebAssembly.

First, this is a collaborative effort, no single company goes it alone. At the moment, the following projects are involved: Firefox, Chromium, Edge and WebKit. Third, this is not about replacing JavaScript engines, it is more about adding a new feature to them. That greatly reduces the amount of work to implement WebAssembly and should help with getting the support of the WEB development community. [j](#)

WebAssembly is not bytecode: Bytecode is linear and (usually) stack-, register- or SSA-based, WebAssembly is a binary format for an abstract syntax tree (AST). Compared to bytecode, this has the following advantages:

WebAssembly is relatively easy to add to all current JavaScript engines, because it is high-level and similar to parts of JavaScript. That is, it builds on the infrastructures of engines, instead of replacing them. Engines will continue to have different compilation strategies and/or bytecode, which is good for the WEB ecosystem, because the differences have fostered experimentation and innovation.

WebAssembly is not versioned. It uses the same evolution strategy as JavaScript (feature detection and polyfills).

For the Unity Game Engine, first tests we're made with WebAssembly.

WebAssembly will include both a binary notation, that compilers will produce, and a corresponding text notation, suitable for display in debuggers or development environments. Early prototypes are already showing some of the expected advantages; the binary representation is 20 times faster to parse than the equivalent `asm.Javascript`.

4.6.4 Web Animations

Web Animations defines a model for supporting animation and synchronization on the Web platform. It is intended that other specifications will build on this model and expose it's features through declarative means. In addition, this specification also defines a programming interface to the model that may be implemented by user agents that provide support for scripting.

A especificação ainda está em estado de rascunho.

```

elem.getAnimations().filter(
  animation =>
    animation.effect instanceof
    KeyframeEffectReadOnly &&
    animation.effect.getFrames().some(
      frame => frame.hasOwnProperty('transform')
    )
).forEach(animation => {
  animation.currentTime = 0;
  animation.playbackRate = 0.5;
});

```

Fig. 4.13: Exemplo de utilização de WEB Animations

Fig. 4.14: *

Fonte: <http://www.w3.org/TR/WEB-animations/>

4.7 DETECÇÃO DE RECURSOS

Visto que nenhum navegador implementa as especificações HTML completamente cabe ao desenvolvedor detectar os navegadores que não comportam as necessidades tecnológicas dos aplicativos que cria. Ao deparar-se com uma funcionalidade faltante o desenvolvedor tem duas possibilidades: notificar o usuário sobre o problema ou utilizar polyfills.

Polyfills são recursos que simulam uma funcionalidade não disponível nativamente nos navegadores. A biblioteca Gears <https://developers.google.com/gears> é um exemplo. A biblioteca serve para prover recursos de Geolocalização para navegadores que não implementam a especificação do HTML5. Essa capacidade de suportar tecnologias que não estão ainda disponíveis ou nunca estarão, no caso de dispositivos legados, através de polyfills é uma das características que faz a WEB uma plataforma de tão grande abrangência. Novas tecnologias são criadas a todo o momento, entretanto o suporte a essas funcionalidades geralmente não acompanham o passo das inovações. E ainda assim os usuários podem se bonificar em uma taxa substancial.

Algumas funcionalidades do HTML, como geolocalização e vídeo foram primeiramente disponibilizadas através de plugins. Outras funcionalidades, como o Canvas, podem ser totalmente emuladas via JavaScript (Pilgrim 2010).

Detectar suporte aos variados recursos do HTML5 no navegador pode ser uma tarefa entediante. É possível implementar testes para cada funcionalidade utilizada abordando os detalhes de implementação de cada uma ou então fazer uso de alguma biblioteca especializada neste processo. O Modernizr é uma opção open-source deste tipo de biblioteca, este gera uma lista de booleanos sobre grande variedade dos recursos HTML5, dentre estes, geolocalização, canvas, áudio, vídeo e armazenamento local.

A quantidade de especificações que um aplicativo complexo como um jogo utiliza pode ser

bem grande, e muitas vezes é difícil dizer qual quais navegadores implementam o quê. Uma boa referência do suporte a recursos nos navegadores é o site <http://caniuse.com/>.

4.8 NAVEGADORES

Aplicações do lado do cliente geralmente se comunicam com um servidor através de documentos em HTTP. Quando o navegador recebe um destes pacotes em HTML ele começa o processo de renderização. A renderização pode requisitar outros arquivos a fim de completar a experiência desenvolvida para o endereço em questão.

Nos navegadores os usuários necessitam localizar a página que desejam, sabendo o endereço, ou pesquisando em buscadores. Isso é um processo árduo para a plataformas móveis pois necessitam maior interação do usuários e não são “naturais” se comparado ao modo normal de consumir aplicativos nestas mesmas plataformas – simplesmente adquirindo o aplicativo na loja e abrindo-o no sistema operacional. Alguns contornos para este problema serão descritos nas tecnologias offline.

Para transformar as instruções retornadas pelo servidor em algo útil para o usuário final os navegadores geralmente fazem uso de bibliotecas externas capazes de interpretar HTML5 e gerar o conteúdo iterativo.

Os navegadores são geralmente compostos por um motor de renderização (engine) e por um motor de JavaScript.

Alguns motores de renderização incluem:

- Blink: Utilizada no Chromium e projetos relacionados, Opera
- Gecko: Utilizada nos produtos da Mozilla
- KHTML: Utilizada no navegador Konqueror, esta serviu de base para o Blink
- WebKit: Utilizada no Safari e versões antigas do Google Chrome.

Alguns motores de JavaScript incluem:

- SpiderMonkey: Primeiro motor, desenvolvido por Brendan Eich, escrito em C++
- Rhino: Criada pela Netscape, escrito em Java
- Nitro: Criada pela Apple
- V8: Criada pelo Google
- TraceMonkey: Criada pela Mozilla

TIMELINE

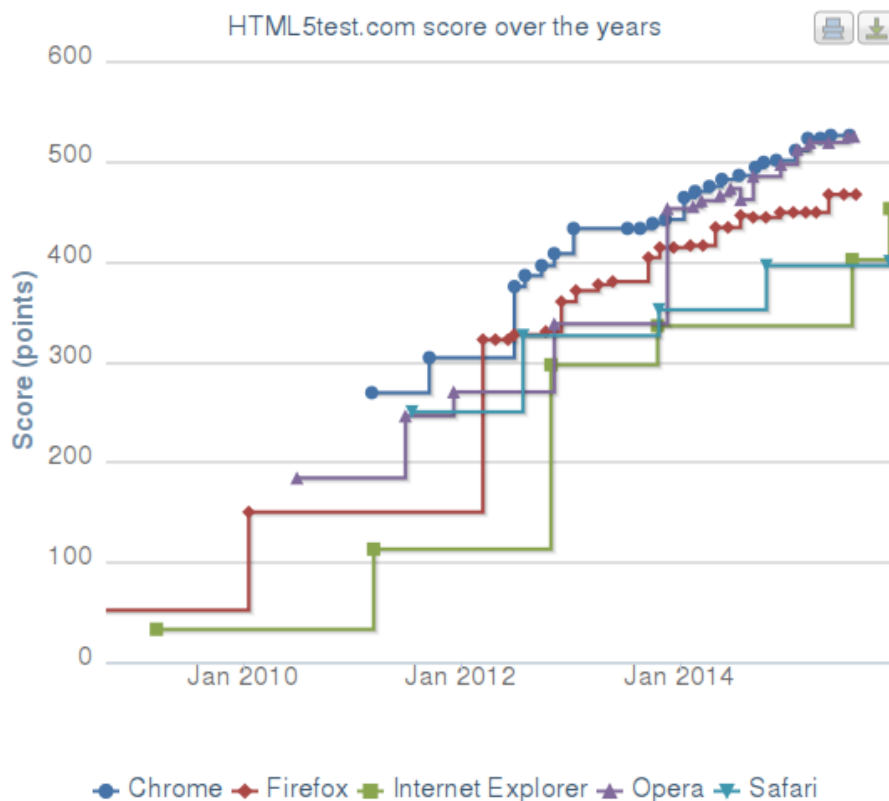


Fig. 4.15: Suporte das especificações do HTML nos navegadores

O suporte ao HTML vem crescendo com o tempo, o site HTML5Test <http://html5test.com/about.html>, oferece um placar atualizado dinamicamente, conforme utilização dos navegadores, sobre os recursos do HTML.

A figura 4.17 apresenta o gráfico de suporte por versões de navegadores em dezembro de 2015.

4.9 ANDROID

É um sistema operacional open-source desenvolvido pela Google. Utiliza o kernel Linux. Softwares para Android são geralmente escritos em Java e executados através da máquina virtual Dalvik.

É similar a máquina virtual Java, mas roda um formato de arquivos diferenciado (dex), otimizados para consumir pouca memória, que são agrupados em um único Android Package (apk). Android permite a renderização de documentos HTML através de sua própria API WEBVIEW. Ou através do navegador disponibilizado por padrão, ou outros de terceiros como o Google

```
<svg height="100" width="100">
  <circle cx="50" cy="50" r="40" stroke="black" stroke-width="3"/>
  Sorry, your browser does not support inline SVG.
</svg>
```

Fig. 4.16: Círculo em SVG.

Chrome, Firefox, Opera, etc.

No quesito jogos para dispositivos móveis é preferível disponibilizar os jogos através da interface nativa pois dá a sensação de continuidade para com os demais aplicativos instalados no dispositivo.

4.10 RENDERIZAÇÃO

Renderização é parte fundamental de muitos jogos. As tecnologias atualmente existentes são o SVG e Canvas.

4.10.1 SVG

SVG (*Gráficos de vetores escaláveis*), é uma linguagem baseada em XML especializada na criação de vetores bidimensionais (Kuryanovich et al. 2014). Por usar XML SVG permite a utilização da API do DOM para manipular os elementos.

Entre os benefícios do SVG encontram-se:

- Não há diferença de qualidade em resoluções pois os vetores são escaláveis;
- Suporta animações nativamente;
- Conta com integração através da api do DOM. Tornando simples a integração com as outras tecnologias da web.

Um aspecto negativo do SVG é que é muito difícil atingir a perfeição na posição dos pixels, por ser uma linguagem vetorizada (Kuryanovich et al. 2014).

4.10.2 CANVAS

A tag *canvas* define uma camada de mapa de bits em documentos HTML que pode ser usada para criar diagramas, gráficos e animações 2D. Foi criada pela Apple em 2004 para renderizar elementos de interface no Webkit, logo foi adotado por outros navegadores e se tornou um padrão.

A API canvas cresceu com o tempo, e algumas funcionalidades - como suporte a texto, foram adicionadas tardiamente. E alguns navegadores lançaram antes da especificação estar completa e hoje tem problema de suporte para essas áreas (Pilgrim 2010). Apesar de muitas vezes incompleto, o canvas é suportado em todos os maiores navegadores à partir do Internet Explorer 9. Não obstante existe a possibilidade de utilizar a biblioteca <https://github.com/google/canvas-polyfill> para suprir aos navegadores que ainda não implementaram, os últimos recursos da especificação CANVAS, como o recurso de desenhar elipses e o caminho 2D.

Apesar de ser geralmente bem suportado nos navegadores atuais, canvas ainda sofre de problemas de performance. Para navegadores antigos - abaixo do Internet Explorer 9 - existe o polyfill Explorer Canvas do Google, que emula em JavaScript as funcionalidades do canvas. O FastCanvas é uma iniciativa híbrida para Android que busca mitigar os problemas de performance do Canvas com uma API nativa. Não obstante, o FastCanvas não suporta a especificação do canvas completamente, não permite ser integrado com outros elementos do DOM.

Em um documento HTML, Canvas é um retângulo onde pode-se usar JavaScript para desenhar (Pilgrim 2010, pp. 113).

Canvas tem uma característica peculiar quanto ao seu tamanho. Em suma existem dois tamanhos, o tamanho do elemento e da superfície de desenho. Quando o tamanho do elemento é maior do que o da superfície de desenho do documento escala a superfície de desenho para preencher o elemento, o que pode gerar resultados inesperados.

Algumas outras fraquezas do canvas são:

- Não há suporte a animações
- Não é possível alterar uma parte já desenhada a não ser sobrescrevendo ou pintando o canvas novamente
- Por ser um vetor de pixels não existe possibilidade de utilização do DOM nem seus eventos, limitado muito a iteratividade

O canvas até aqui descrito trata-se de sua forma, ou contexto 2D. A especificação 3D do canvas é o WebGL.

4.10.3 WEBGL

WebGL é uma API JavaScript para desenhar gráficos em três dimensões. Apesar de ter sido desenvolvido com foco em 3D, WebGL pode ser utilizados para 2D também (Matti e Arto 2011, pp. 6). Os primeiros rascunhos do WebGL iniciaram em 2006, não obstante o grupo de trabalho não foi formado até 2009. E a primeira versão do foi lançada em 2011. A especificação do WebGL foi desenvolvida baseando-se em OpenGL, especificamente OpenGL ES 2.0, uma versão do OpenGL otimizada para dispositivos móveis. O órgão que especifica o WebGL é o mesmo que especifica o OpenGL: Kronos Working Group.

O elemento do DOM que provê a interface do WebGL é o canvas, no contexto 3D. Essa integração com o DOM permite que o WebGL seja manipulado assim como os demais elementos HTML.

É digno de nota que é recomendável se testar WebGL em todos os navegadores e plataformas alvo. Pode haver diferenças substanciais de performance em plataformas diferentes e em navegadores diferentes. Existe também uma lista de placas gráficas com drivers bloqueados por não funcionarem corretamente no Firefox (Matti e Arto 2011, pp.42).

WebGL só se tornou uma possibilidade performática para jogos pois parte do seu processamento pode ser delegado para a GPU. A especificação é composta por uma API de controle em JavaScript e o processamento shaders. Shaders são responsáveis por grande parcela dos efeitos 3D e são executados do lado da GPU.

4.10.4 Shaders

Shaders definem níveis de cor ou efeitos especiais sobre um modelo 2d ou 3D. Contam com grande performance, possibilitando conteúdo em tempo real - como no caso dos jogos - por executarem dentro da GPU. São utilizados no cinema, em imagens geradas por computadores e vídeo games.

Existem dois shaders principais, de vértices e fragmentos. Shaders de vértices são chamados para cada vértice sendo desenhado definindo suas posições e shaders de fragmentos a cor para cada pixel a ser desenhado (Matti e Arto 2011, pp.15).

4.10.5 Bibliotecas OpenGL

CocoonJS é uma aplicativo híbrido que preenche a fraca implementação de WebGL nos dispositivos móveis possibilitando se desenvolver em WEBGL, CSS. Conta com suporte a dispositivos legados à partir do Android 2.3 e iPhone 5.

Treejs é uma abstração sobre WebGL que permite os autores se focarem na criação de conteúdo para web, ao invés de dispenderem tempo manipulando os detalhes da WebGL. Possibilita trabalhar com efeitos, luzes, cenas e outras abstrações em detrimento de shaders, vértices, e conceitos mais primitivos.

4.10.6 Otimizações

CPU? JavaScript, DOM, etc. GPU?

- Texture compression - Mipmaps (LOD) - Draw calls

Um site interessante para explorar exemplos WebGL avançados é o blog <http://learningwebgl.com> que conta com tutoriais cobrindo áreas como diferentes tipos de iluminação, carregamento de modelos em json, gerenciando eventos do mouse e teclado; e como renderizar uma cena WebGL em uma textura (Matti e Arto 2011, pp.42).

Apesar da relevância, WebGL não foi utilizada no trabalho pois ainda não está completamente especificada e a dificuldade e escopo do projeto aumentariam muito se tivessem de incluir um jogos 3D.

4.10.7 WEBVR

<http://webvr.info/> WebVR is an experimental Javascript API that provides access to Virtual Reality devices, such as the Oculus Rift or Google Cardboard, in your browser.

enabling developers to translate position and movement information from the display into movement around a 3D scene

4.11 WEBCL

This specification defines WebCL (Web Computing Language). WebCL is a JavaScript binding to the Khronos OpenCL standard for heterogeneous parallel computing. It enables web applications to harness GPU and multi-core CPU parallel processing from within a Web browser, enabling significant acceleration of computationally intensive applications, such as image and video processing, data visualization, and 3D games.

Open Computing Language (OpenCL) is a framework for writing programs that execute across heterogeneous platforms consisting of central processing units (CPUs), graphics processing units (GPUs), digital signal processors (DSPs), field-programmable gate arrays (FPGAs) and other processors or hardware accelerators. OpenCL specifies a language (based on C99) for programming these devices and application programming interfaces (APIs) to control the platform and execute programs on the compute devices. OpenCL provides a standard interface for parallel computing using task-based and data-based parallelism. OpenCL is an open standard maintained by the non-profit technology consortium Khronos Group. Conformant implementations are available from Altera, AMD, Apple, ARM Holdings, Creative Technology, IBM, Imagination Technologies, Intel, Nvidia, Qualcomm, Samsung, Vivante, Xilinx, and Zii-LABS.[6][7]

4.12 CODECS

Para falar sobre audio e vídeo precisamos primeiramente introduzir o conceito de codecs. Codec - é o algoritmo usado para encodificar o video em um conjunto de bits Pilgrim 2010.

Codecs é uma área problemática do HTML5. Segundo Pilgrim 2010 não existe uma única combinação de containers e codecs que funcionem em todos os navegadores.

4.13 AUDIO

Áudio é um componente vital para oferecer imersão e feedback aos usuários de jogos. Efeitos de som e música podem servir como mecanismo. Por outro lado, jogadores tem baixa

tolerância a volume, deve ser utilizado com cautela.

Segundo Vahatupa 2014 em sido difícil construir aplicações sofisticadas e interativas sem a utilização de plugins para áudio.

O componente de áudio é especialmente útil para jogos de ação (Vahatupa 2014).

4.13.1 TAG AUDIO

A tag <audio> define um som dentro de um documento HTML. Quando o elemento é renderizado pelos navegadores, ele carrega o conteúdo que pode ser reproduzido pelo player de audio do navegador. Existem muitas discrepâncias entre os formatos aceitáveis pelos navegadores. É um tanto limitada quanto comparada ao áudio de múltiplos canais disponibilizados por SDKs nativas.

4.13.2 API DE AUDIO

É uma interface de audio experimental para JavaScript. Provê maior flexibilidade na manipulação de audio. Essa tecnologia é muito mais nova do que a tag áudio.

Abaixo segue alguns dos codecs de audio tradicionais:

- MP3: comum, mas não é livre de patentes
- ACC: advanced audio coding, is patent encumbered
- Vorbis - patent free

A figura 4.17 é um comparativo interessante sobre os formatos existentes, considerando o fator taxa de bits versus qualidade.

4.14 VIDEO

Antes do HTML5 era impossível adicionar vídeos nas páginas sem a utilização de algum plugin.

A especificação define uma tag *video* que pode ser embida em uma página HTML. Segundo Pilgrim 2010 não existem restrições quando ao codec de vídeo ou áudio, um elemento vídeo pode fazer referência a múltiplos arquivos de vídeos, cabe ao navegador decidir qual arquivo de fato será executado.

Os navegadores não concordam em qual formato de vídeo suportar. Uma tag vídeo pode apontar para vários arquivos em diversos formatos, e os navegadores que suportarem determinado irão escolhê-lo.

Um formato de vídeo é a combinação de várias tecnologias.

AVI e MP4 são apenas containers de formatos. Como um arquivo zip, podendo conter qualquer coisa dentro de si (Pilgrim 2010).

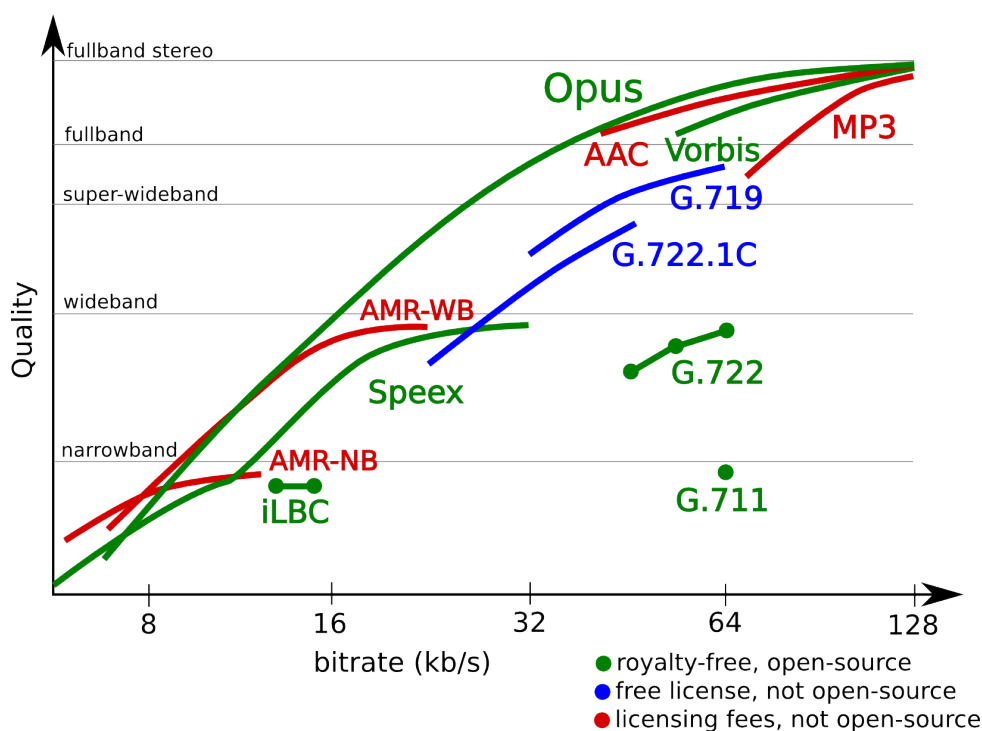


Fig. 4.17: Comparação de codecs de áudio

Existem formatos desenvolvidos especificamente para a Web. Buscam uma razão de tamanho e qualidade aceitável, mas prezando por tamanho. A maioria dos codecs de vídeo não mudam todo o conteúdo de um quadro para o próximo, possibilitando maiores taxas de compressão, que resulta em arquivos menores (Pilgrim 2010).

O projeto *Vídeo for Everybody*

http://camendesign.com/code/video_for_everybody

é um polyfill que recorre à flash quando o vídeo não é suportado pelo navegador.

Segue uma lista de alguns dos containers de vídeo:

- MPEG4
- Flash Video
- Ogg (for video Theora), (audio Vorbis)
- WebM
- Matroska
- Audio Video Interleave

Alguns codecs de vídeo

- H.264, is one of the video codecs mandated by the Blue-Ray specification

- Theora, native in Linux
- VP8 royalty free from Google

4.15 ARMAZENAMENTO

Uma das grandes limitações do HTML era a ausência de capacidade de armazenamento de dados. Armazenamento no lado do cliente é um requerimento básico para qualquer aplicação moderna. Essa área era onde as aplicações nativas detinham grande vantagem sobre as aplicações web. O HTML5 solucionou este problema introduzindo várias formas de armazenamento de dados («Smart Phones Application development using HTML5 and related technologies: A tradeoff between cost and quality»).

Armazenamento local é um recurso importante para jogos, tanto por diminuir a latência da persistência na rede, quanto para possibilitar uma experiência offline.

Existem algumas especificações sobre armazenamento, mas a grande parte delas não conta como suporte completo em todos os navegadores comuns, um polyfill interessante para Web Storage e IndexedDB é o projeto localForge <https://github.com/mozilla/localForge> da Mozilla.

4.15.1 WEB SQL

A especificação Web SQL introduz uma API para manipular banco de dados relacionais em SQL. A especificação suporta transações, operações assíncronas e um tamanho de armazenamento substancial: 5 megabytes, o qual pode ser estendido pelo usuário.

O grupo de trabalho do Web SQL iniciou-se em 2010 e foi suspenso ainda como rascunho. Apesar de ser um recurso desejável para muitos desenvolvedores, foi descontinuada pelos motivos descritos abaixo.

Segundo Pilgrim 2010

Todos os implementadores interessados em Web SQL utilizaram a mesma tecnologia (Sqlite), mas para a padronização ficar completa é necessário múltiplas implementações. Até outro implementador se interessar em desenvolver a especificação a descrição do dialeto SQL apenas referencia o SQLITE, o que não é aceitável para um padrão.

Não obstante, a especificação ainda é suportada pelo Google Chrome, Safari, Opera e Android, entre outros. Mas até que outros implementadores se prontifiquem a especificação continuará suspensa. No lugar do Web SQL a W3C recomenda a utilização do Web Storage e do IndexedDB.

4.15.2 WEB STORAGE

Web Storage, também conhecido como Local Storage, provê uma forma de armazenar os dados como chave valor dentro do navegador. Os dados são persistidos mesmo que o navegador

```
// Store value on browser for duration of the session
sessionStorage.setItem('key', 'value');

// Retrieve value (gets deleted when browser is closed and re-opened)
alert(sessionStorage.getItem('key'));

// Store value on the browser beyond the duration of the session
localStorage.setItem('key', 'value');

// Retrieve value (persists even after closing and re-opening the browser)
alert(localStorage.getItem('key'));
```

Fig. 4.18: Web Storage na prática

Fig. 4.19: *

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Web_storage#usage

seja fechado.

É um recurso similar a cookies, contudo algumas diferenças substanciais são perceptíveis. Web Storage não requer que os dados sejam trafegados como cabeçalhos nas requisições. Também provê maiores espaços de armazenamento quando comparado a cookies.

A tecnologia começou como parte da especificação do HTML5 mas agora conta com um documento próprio mantido pela W3C. A especificação é suportada pela grande maioria dos navegadores populares.

A especificação oferece duas áreas de armazenamento, o armazenamento local e de sessão. O armazenamento local é persistido por domínio e outros scripts provindos deste mesmo domínio poderão fazer uso da informação. O armazenamento de sessão é para informações que podem variar de aba para aba e que não é interessante que sejam persistidos para demais acessos além do atual.

A API do Web Storage é simples, consistindo em uma interface para buscar dados e outra para armazenar, no formato chave/valor.

A figura 4.18 exemplifica a utilização do Web Storage, para utilizar o armazenamento de sessão utiliza-se o objeto `sessionStorage`. Já para utilizar o armazenamento local utiliza-se o objeto `localStorage`.

Web Storage é uma solução simples que comporta muitos casos de uso. Não obstante muitas vezes é necessário um controle mais refinado sobre os dados, ou mais performance em uma base de dados massiva. Para responder a estes desafios existe a especificação do IndexedDB.

4.15.3 IndexedDB

IndexedDB é um banco de dados que suporta o armazenamento de grandes quantidades de dados no formato de chave/valor o qual permite alta performance em buscas baseadas em

```

var db;
var request = window.indexedDB.open("Mydb", 9);
request.onsuccess = function(event) {
  db = event.target.result;
  var transaction = db.transaction(["customers"], "readwrite");
  var objectStore = transaction.objectStore("customers");
  var request = objectStore.add({email: "mymail@domain.com", name: "foo"});
  request.onsuccess = function(event) {
    console.log('customer added')
  };
}

```

Fig. 4.20: Adicionando um cliente em IndexedDB.

índices. A tecnologia é uma recomendação da W3C desde janeiro de 2015 e suportada, pelo menos parcialmente, por praticamente todos os navegadores populares.

Inicialmente IndexedDB permitia operações síncronas e assíncronas. Não obstante, a versão síncrona foi removida devido a falta de interesse da comunidade. Operações assíncronas permitem que aplicativos JavaScript nunca esperam pelo resultado para continuar a execução. Outrossim, cada interação com o banco de dados é uma transação que pode retornar um resultado ou um erro. Os eventos da transação são internamente eventos DOM cuja propriedade *type* do elemento foi setada para *success* ou *error*.

Ao invés de tabelas, IndexedDB trabalha com repositórios de objetos. Cada entrada, tupla em SQL, de um determinado repositório pode ser de um formato diferenciado, com exceção da chave única que deve estar presente em cada uma das entradas.

A figura 4.20 demonstra um exemplo simplificado da utilização do IndexedDB, como cada interação com o banco de dados é construído através de uma nova requisição e o tratamento do resultado é dado dentro de eventos.

Apesar de ser desenvolvido com objetivo de ser uma solução para todas as necessidades de armazenamento no Frontend IndexedDB ainda sofre algumas limitações.

Abaixo segue uma lista com algumas das limitações do IndexedDB.

- Tem limites de armazenamento e as regras variam de navegador para navegador.
- O comportamento em abas anônimas não está especificado e os resultados também variam.
- Existe uma pequena probabilidade de os dados se perderem, no caso do Firefox a API não espera confirmação do sistema operacional para considerar um dado válido, essa foi uma escolha em detrimento de performance.
- Não existe a possibilidade de fazer buscas em textos como o *LIKE* do SQL.

- o usuário pode configurar o navegador para não aceitar armazenamento local para determinado domínio.

A característica assíncrona do IndexedDB, é fundamentada na premissa de não perturbar o fluxo principal da aplicação enquanto processamento não vital, e possivelmente demorado, ocorre. Outra tecnologia da web que utiliza os mesmos princípios é o Web Workers.

4.16 WEB WORKERS

É uma API que possibilita executar programas em paralelo com a página principal.

A *thread* fila pode comunicar-se com seu pai.

Existem workers dedicados, que podem ser acessados por seus criadores, e Workers compartilhados.

O contexto global (objeto janela) não existe em um worker, ao invés disso o objeto *DedicatedWorkerGlobalScope* pode ser utilizado. Workers compartilhados podem utilizar o *SharedWorkerGlobalScope*. Estes objetos contém grande parte das funcionalidades proporcionadas pelo window com algumas exceções.

Dentro de um worker não é possível manipular o DOM.

O worker se comunica com outros scripts através de mensagens.

4.17 OFFLINE

Não é extraordinário que um jogo tenha que ser reverso para um estado válido anterior por motivo de um erro na base de dados (Vahatupa 2014, pp. 5).

4.17.1 Aplicações offline

Na sua versão mais simples, um aplicativo offline é um conjunto de URLs para arquivos HTML, CSS, JavaScript, imagens ou qualquer outro tipo de recurso (Pilgrim 2010).

4.18 ENTRADA DE COMANDOS

Na construção da grande maioria dos jogos é muitas vezes imprescindível grande flexibilidade na gestão de entrada comandos.

Este fator se amplia na criação de jogos multiplataforma, seja através de teclado, tela sensível ou sensor de movimentos, o importante é oferecer a melhor experiência possível por plataforma.

O HTML5 trata todos estes casos abstratamente na forma de eventos, os quais podem ser escutados através de *listeners*. Os eventos básicos são: *keydown* (tecla baixa), *keyup* (tecla solta) e *keypress* (tecla pressionada).

4.19 DEBUG

4.19.1 Source Maps

Source Maps é uma tecnologia que permite mapear códigos fontes minificados para seus respectivos originais. Este recurso é interessante pois permite que os desenvolvedores visualizem o código fonte em sua versão original, legível, enquanto entregam ao usuário final a versão minificada, otimizada para performance. Para o usuário final não há diferença pois Source Maps são carregados apenas se as ferramentas de desenvolvimento estão abertas e com a funcionalidade de Source Maps habilitada.

Source Maps foi desenvolvido como um trabalho em conjunto entre a Mozilla e Google em 2010, atualmente na terceira revisão o projeto é considerável estável e não recebe modificações na especificação desde 2013.

As ferramentas de desenvolvimento do Google Chrome e Firefox permitem a utilização de Source Maps.

É possível informar o navegador a localização do arquivo original seguindo a seguinte sintaxe.

```
//# sourceMappingURL=/path/to/script.JavaScript.map
```

Ou através de cabeçalhos HTTP como demonstrado abaixo.

```
X-SourceMap: /path/to/script.JavaScript.map
```

Arquivos de Source Map contém metadados sobre os arquivos fonte e algumas outras configurações. Para gerar os arquivos é possível utilizar ferramentas como o <https://github.com/mishoo/UglifyJS2>

4.19.2 Debug 3D

Debugar aplicativos 3D pode ser complexo, o debugger do chrome é uma boa opção.

4.20 DISPONIBILIZAÇÃO DA APLICAÇÃO

Aplicativos baseados na web não requerem instalação ou atualizações manuais e sua distribuição é superior ao estilo convencional de aplicações desktop (Vahatupa 2014).

Links com manifestos

4.20.1 INSTALAÇÃO

Este método é benéfico pois possibilita ao usuário a mesma experiência ao adquirir uma aplicação normal. Este tipo de aplicação é comumente referido como "híbrido".

4.21 TRABALHOS SIMILARES

Barnett 2014 elaborou uma revisão de aspectos do HTML5 através da construção de um jogo. O autor foca muito nos aspectos de criação de jogos e feedback do desenvolvimento. Troca de tecnologias e não especificamente nas limitações conforme o meu trabalho. Em outras palavras seu escopo é mais genérico e não tão preciso quanto este

5 METODOLOGIA

O primeiro passo consiste em definir as plataformas alvo do trabalho. Estas devem ser relevantes mercadologicamente ao desenvolvimento de jogos em HTML5.

Segue-se com a construção de uma lista com os recursos relevantes aos jogos que, sofrem ou são comumente ligados à limitações multiplataforma. Segue-se uma pesquisa para aprofundar teoricamente cada um dos recursos, possivelmente elegendo novos.

Com um baseamento teórico substancial, o próximo passo é a criação do protótipo de um jogo multiplataforma que utilize recursos analisados.

Para capturar todas as limitações presentes, o protótipo deve ser construído sem a ajuda de frameworks ou bibliotecas de terceiros. Eliminando a possibilidade de a limitação ter sido tratada por terceiros.

Motores de jogos são bibliotecas que agregam várias funcionalidades usualmente úteis para o desenvolvimento de jogos (Vahatupa 2014, pp. 5). Elas podem incluir controle de usuário, cena, áudio, física, etc. Também servem como uma camada de segurança adicional (Vahatupa 2014).

Motores de jogos também foram descartados, visto que na maioria dos casos dependem de bibliotecas de terceiros. Outrossim, motores de jogos não são amplamente difundidos no mercado de jogos de navegadores (Vahatupa 2014).

Com o protótipo concebido, o passo que segue é a enumeração, e descrição das limitações detectadas no processo de desenvolvimento e testes do jogo. Este detalhamento deve responder as seguintes perguntas:

- Quais as limitações foram encontradas no jogo?
- Em quais plataformas?
- Sob quais circunstâncias?
- As limitações puderam ser contornadas?
- Algum efeito colateral das limitações no jogo?
- Qual a categoria do problema: usabilidade, funcionalidade, manutibilidade, portabilidade ou performance? (segundo ISO)

Como recomendação geral, busca-se abster-se da utilização de plugins pois estes muitas vezes escondem limitações do HTML em si.

6 PROJETO

Este capítulo tem por objetivo detalhar os aspectos do desenvolvimento do protótipo. Mecânica, o loop de eventos, diagramas entre outros aspectos do jogo serão abordados aqui.

6.1 MECÂNICA

Para a análise prática das limitações foi escolhido um jogo de matemática simples. O qual consiste na geração de equações com uma resposta candidata. Cabe ao usuário informar se o resultado apontado pelo jogo está correto ou não. A cada resposta dada o nível de complexidade da equação cresce. O tempo é um fator determinante no resultado do jogo pois quanto mais rápido o jogador acertar se a afirmação está correta ou não mais pontos ele receberá.

Esta categoria de jogo foi selecionada pois oferece uma experiência interessante, tem profundidade - oferecendo a possibilidade de explorar diversos recursos do HTML5. Por ser de razoável traduzibilidade em tamanhos de telas diferentes e tipos de entrada de dados diferentes. E, por fim, por oferecer uma dificuldade técnica não tão desafiadora. Visto que não disponho de experiência profunda no desenvolvimento de jogos para HTML5.

Jogos como o Math Workout para Android tem uma temática similar. Não obstante, este jogo não sugere respostas para o usuário e o questiona sobre a veracidade delas, apresenta apenas a equação e requer uma resposta. O jogo aqui desenvolvido parece ter uma melhor jogabilidade para dispositivos móveis, pois não requer a presença de um teclado. Os botões de verdadeiro ou falso contém todas as possibilidades.

6.2 Requisitos

Abaixo estão dispostos os requisitos do sistema.

6.2.1 Requisitos funcionais

As funcionalidades que o sistema deve apresentar estão descritas abaixo.

- O sistema deve prover equações matemáticas de dificuldade crescente para o usuário informar se estão corretas ou não.
- O sistema deve pontuar as respostas dadas com maior agilidade com uma pontuação maior, que as respondidas com menor agilidade.

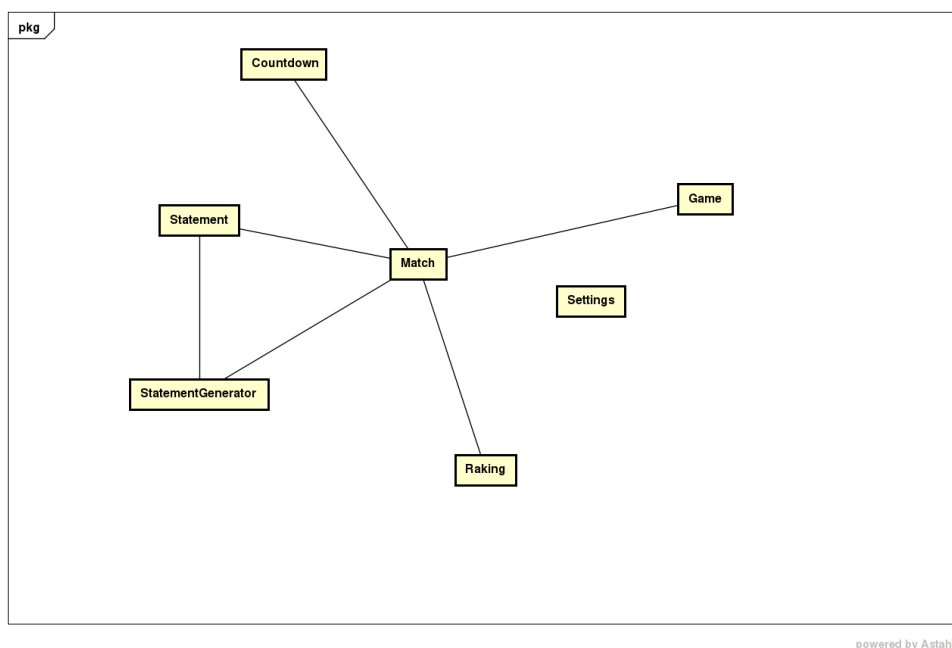


Fig. 6.1: Diagrama de classes simplificado

- O sistema deve apresentar um ranking com os resultados dos jogos anteriores.

6.2.2 Requisitos não funcionais

- O sistema deve ser desenvolvido utilizando as ferramentas da web.
- O sistema deve funcionar para a plataforma desktop e Android.
- O sistema deve ser desenvolvido sem a utilização de nenhuma biblioteca ou framework.

6.3 Modelagem

Abaixo segue o diagrama de classes simplificado.

Nos anexos pode-se encontrar a versão completa.

6.4 Desenvolvimento

O desenvolvimento se deu com a estratégia de melhoria progressiva. Desenvolvendo a versão mais simples possível para atingir as requisitos funcionais. Essa versão mais simples, apesar de não ter sido testado, deve funcionar na grade maioria dos navegadores.

O primeiro passo foi a criação do documento HTML. Utilizei divs para simbolizar telas do jogo. Caracterizando o jogo como uma aplicação SPA (*Single page application*). A alternativa seria depender de um servidor para mandar as páginas prontas, mas isso acarreta na necessidade de acesso à internet constante, coisa nem sempre viável em dispositivos móveis.

Seguindo a construção do markup, veio o desenvolvimento da classe Match, a qual simboliza uma partida dentro do jogo.

No início da construção não havia um gerador de equações, o jogo contava apenas com um vetor de equações pré-estabelecidas que eram selecionadas aleatoriamente a cada turno.

Isso se provou uma boa escolha pois possibilitou que o desenvolvimento se focasse em outros aspectos importantes como a elaboração do laço do jogo.

O aspecto central do laço do jogo consiste em apresentar uma equação ao usuário com a possibilidade de ele responder se ela está correta ou errada.

Uma estratégia interessante que foi adotada na construção foi declarar todos os objetos relativos ao objeto window. Isso se demonstrou uma boa forma de separar os objetos, tornando o conflito de variáveis globais um problema irrelevante.

Outro aspecto positivo foi a utilização de um meta objeto para encapsular os demais, neste caso utilizei o nome MyMath, funcionando como um namespace, garantindo que problemas de conflitos de nomes não aconteçam.

Devido ao fato deste trabalho explorar as limitações dos jogos em HTML5, optei por evitar a utilização de plugins e ferramentas de terceiros que pudessem ocultar alguma limitação.

Escolhi a simplicidade para não precisar ficar muito tempo aprendendo as coisas em detrimento do refinamento da pesquisa.

Como armazenamento local foi optado por Web Storage por ser uma API simples, visto que os requerimentos do protótipo não demandam grande performance ou armazenamento massivo de dados a opção mais modesta foi preferida.

6.4.1 Otimizando o CSS para jogos

Scroll é um recurso interessante para longas páginas de texto, o mesmo não se pode dizer à respeito de jogos. Principalmente aqueles dependentes de contato com a tela, pois no contato a tela pode se mover e desconcentrar o usuário. Para remover este comportamento deve-se utilizar o *overflow: hidden;* do seletor do corpo do documento (*body*).

A barra de endereço é outro recurso de pouca utilidade no contexto de jogos, e muitas vezes um empecilho para jogos em dispositivos móveis, devido ao limitado tamanho da tela.

Para desabilitar a barra em dispositivos da Apple pode-se utilizar a seguinte configuração:

```
<meta name="apple-mobile-web-app-capable" content="yes" />
```

Para os demais dispositivos não existe meio oficial de esconder a barra de endereço. Não obstante, alguns sites recomendam a solução descrita abaixo:

```
<body onload="setTimeout(function() {window.scrollTo(0, 1)}, 100)">
</body>
```

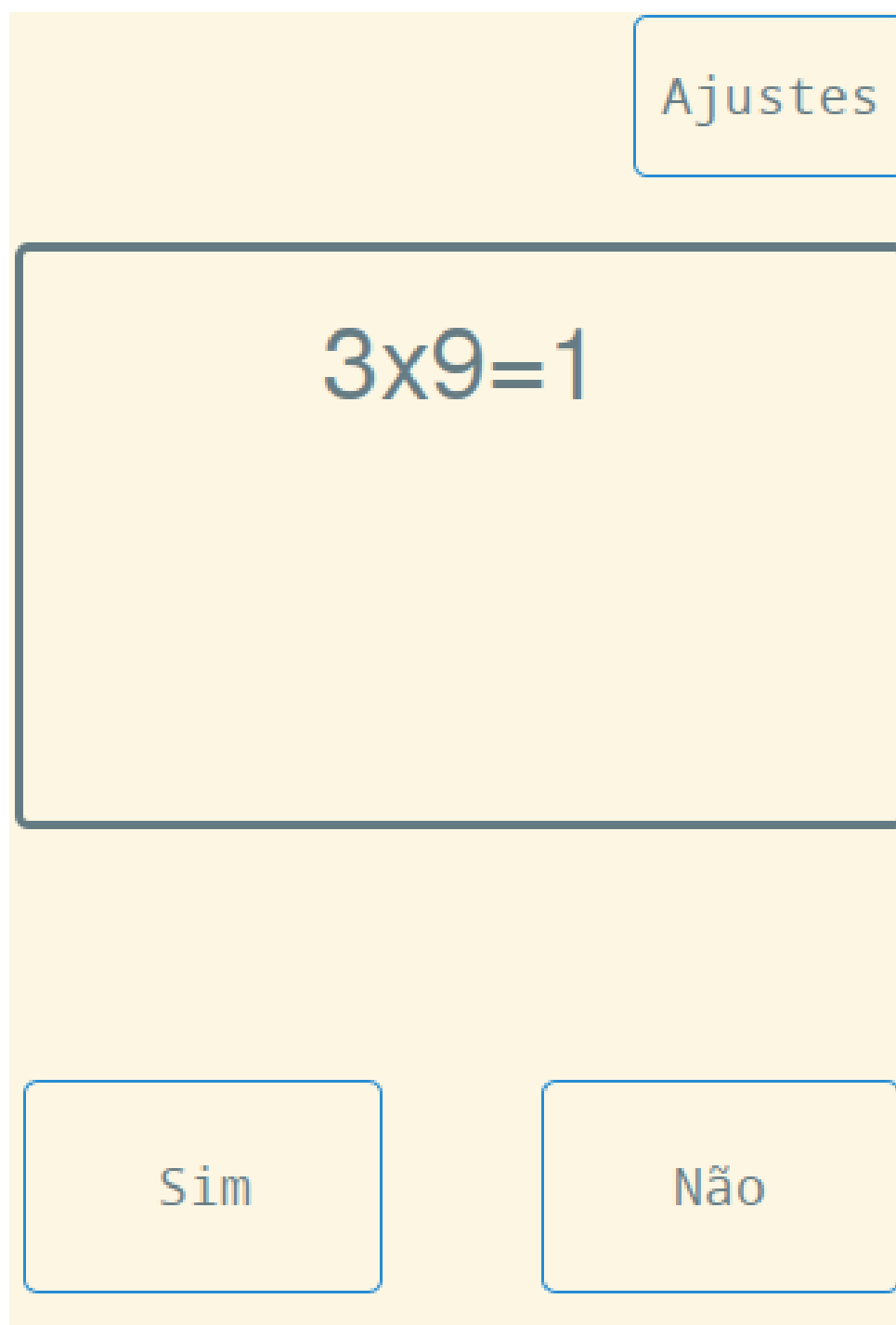


Fig. 6.2: Tabuleiro do jogo



Fig. 6.3: Placar do jogo



A screenshot of a game configuration menu with a light yellow background. It contains four settings: 'Som' with an unchecked checkbox, 'Temporizador' with a checked checkbox, 'Questões/partida' with a text input containing '3', and 'Tema' with a text input containing 'Claro'. At the bottom is a large button labeled 'Novo jogo'.

Som	<input type="checkbox"/>
Temporizador	<input checked="" type="checkbox"/>
Questões/partida	<input type="text" value="3"/>
Tema	<input type="text" value="Claro"/>

Novo jogo

Fig. 6.4: Configurações do jogo

Apesar de não fazer parte da especificação, a maioria dos navegadores implementa a possibilidade de desativar a seleção de elementos na tela. Em jogos essa possibilidade é útil, pois não é natural a seleção de texto neste tipo de software. Para desabilitar a seleção pode-se utilizar as regras CSS demonstradas abaixo.

```
-moz-user-select: none;  
-webkit-user-select: none;  
-ms-user-select: none;
```

7 RESULTADOS

7.0.1 TRABALHOS FUTUROS

Trabalhos que explorem os benefícios mercadológicos do HTML5 em comparação com alternativas nativas. EMACSCRIPT 7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Joshua Barnett. «Building a Cross-Platform Mobile Game with HTML5». Em: *University of East Anglia* (2014).
- [2] Stefan Bruins. «The current state of cross-platform game development for different device types». Em: (2014).
- [3] Jon Duckett. *HTML and CSS - Design and Build Websites*, pp. 1–514.
- [4] *ECMAScript 2015 Language Specification*.
- [5] Isabela Granic, Adam Lobel e Rutger C. M. E. Engels. «The Benefits of Playing Video Games». Em: *Radboud University Nijmegen* (2014).
- [6] Yousuf Hasan et al. «Smart Phones Application development using HTML5 and related technologies: A tradeoff between cost and quality». Em: ().
- [7] Ian Hickson. *HTML is the new HTML5*. Available at <https://blog.whatwg.org/html-is-the-new-HTML5> (2015/11/11).
- [8] *HTML HyperText Markup Language*.
- [9] Marek Janiszewski. Tese de doutoramento. Vrije Universiteit Amsterdam, 2014.
- [10] Egor Kuryanovich et al. *HTML5 Games Most Wanted: Build the Best HTML5 Games*. 2014.
- [11] David de Oliveira Lemes. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- [12] Håkon Wium Lie. «Cascading Style Sheets». Tese de doutoramento.
- [13] Anttonen Matti e Salminen Arto. «Building 3D WebGL Applications». Em: (2011).
- [14] Belchin Moises. *ECMAScript 6 Today*.
- [15] Mark Pilgrim. *Dive into HTML5*. 2010.
- [16] Axel Rauschmayer. *A first look at what might be in ECMAScript 7 and 8*.
- [17] *Selectors*. Available at <http://www.w3.org/TR/CSS21/selector.html> (2015/11/17).
- [18] *Using CSS transitions*.
- [19] Juha-Matti Vahatupa. «On the development of Browser Games - Current Technologies and the Future». Em: (2014).

- [20] Yu Zhang. «Developing Effect of HTML5 Technology in Web Game». Em: *International Journal on Computational Sciences and Applications (IJCSA)* (2012).

A CONVERSORES PARA HTML5

Além da possibilidade de escrever em HTML, pode-se optar pela alternativa de utilizar-se um conversor de linguagens.

B METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE PARA A CONSTRUÇÃO DE GAMES

Como o jogo é um software complexo demanda-se a utilização de metodologias de engenharia de software, dentre os processos de software mais conhecidos academicamente destacamos:

- OpenUP: este é bem detalhado e de característica iterativa e incremental. Gerando assim, um levantamento mais apurado dos riscos, requisitos e outros detalhes do sistema e a criação incremental do sistema, com requisitos maleáveis;
- Cascata: processo antigo, caracteriza-se por ser pouco maleável aos requisitos mapeados posteriormente ao processo de análise;
- Processo ágil - SCRUM: sua utilização é flexível e sendo um método ágil especifica pouca documentação, ou como dizem, somente a documentação necessária, este processo é bem conhecido e aceito na comunidade de desenvolvimento de software. Suas principais características são: divisão do processo de desenvolvimento através uma série de iterações chamadas sprints. Cada sprint consiste tipicamente em duas a quatro semanas. É bem aplicado a projetos que mudam constantemente e que demandam rápidas adaptações;
- Processo ágil – XP: tem muitas características similares ao SCRUM por este também ser um processo ágil. Dentre suas especificidades destaca-se: versões frequentes, pequenos ciclos de desenvolvimento que buscam aumentar a produtividade, introduzem checkpoints onde os clientes podem agregar novas funcionalidades;

C AMBIENTES PARA DESENVOLVIMENTO HTML5

Na pesquisa efetuada sobre estes frameworks full-stack foram identificadas as seguintes tecnologias:

- segundo (PRADO, 2012) o GWT é um framework essencialmente para o lado do cliente (client side) e dá suporte à comunicação com o servidor através de RPCs Remote Procedure Calls (ou procedimento de chamadas remotas). Ele não é um framework para aplicações clássicas da web, pois deixa a implementação da aplicação web parecida com implementações em desktop. Este é utilizado em muitos produtos de grande porte como o Google Adwords e Google Wallet. Outra característica interessante é que a plataforma opera sobre a licença Apache versão 2;

- construct 2 - é um editor na nuvem focado para usuários sem - conhecimento prévio em programação orientado a comportamento; - PlayCanvas - é uma plataformas para a construção de jogos 3D na nuvem, desenvolvida com foco em performance. Permite a hospedagem, controle de versão e publicação dos aplicativos nela criados, possibilita também a importação de modelos 3D de softwares populares como: Maya, 3ds Max e Blender;

- o ambiente HTML5 da Intel, este fornece uma solução na nuvem, completa para o desenvolvimento em plataforma cruzada, com serviços de empacotamento, serviços para a criação e testes de aplicativos com montagem de interfaces puxa e arrasta (Intel XDK) e bibliotecas para a construção de jogos utilizando aceleração de hardware, o que garante até duas vezes mais performance que aplicativos mobile baseados em Web tradicionais. Esta solução é gratuita, open-source e funciona através de um plugin para o Google Chrome, ou seja, o desenvolvimento também é multiplataforma e devido ao fato de os binários ficarem hospedados na nuvem, possibilitou a Intel criar compiladores para cada uma das plataformas disponibilizadas pelo PhoneGap, que é o framework polyfill utilizado na solução.

C.1 Frameworks de jogos

Com o intuito de simplificar o processo para os desenvolvedores, auxiliando-os a focarem-se apenas nas soluções que estão desenvolvendo, foram criados os frameworks para desenvolvimento de jogos. Alguns frameworks reconhecidos são:

- enchant.js: dentre suas funcionalidades constam: orientação à, orientado à eventos, contém um motor de animação,

- suporta WebGL e Canvas, etc three.js: considerada leve, renderiza, WebGL e Canvas, arquitetura procedural
- limeJs: bom para 2d
- quintus: especialista em jogos de plataforma 2D

C.2 JAVASCRIPT NÃO OBSTRUTIVO

C.3 NODEJS

Permite rodar JavaScript fora do navegador. Utiliza um modelo dirigido à eventos sem bloqueio, tornando-o rápido e eficiente.

D ALTERNATIVAS AO JAVASCRIPT

Abaixo seguem algumas tecnologias que servem de alternativa ao JavaScript.

D.1 TYPESCRIPT

Conhecido como uma versão estendida do JavaScript que compila para JavaScript normal.

D.2 DART

Google. DartVM é uma máquina virtual que está embebido no Google Chrome. Significante melhorias em performance quando comparado ao JavaScript. Existe o dart2js que compila código em Dart para JavaScript.

E SISTEMAS DE BUILDING

Aquivos JavaScript são requisitados do servidor assincronamente. Isso pode levar a tempos de requisição pouco desejáveis. Uma saída seria escrever o código em apenas um arquivo mais isso leva a gerência de código bagunçada. A saída mais comum entre desenvolvedores é utilizar uma ferramenta que junta todos os arquivos e disponibiliza apenas um para o usuário.

Utiliza o conceito de streams para aplicar todas as modificações sobre um arquivo de uma vez só.

E.1 CROSSWALK

Crosswalk empacota os fontes juntamente com uma versão do Chromium, a versão Open-source do Google Chrome. Isso faz com que o software se comporte da mesma forma para todas as versões de dispositivos Android.

E.2 PHONEGAP

E.3 PHONEGAP CLOUD

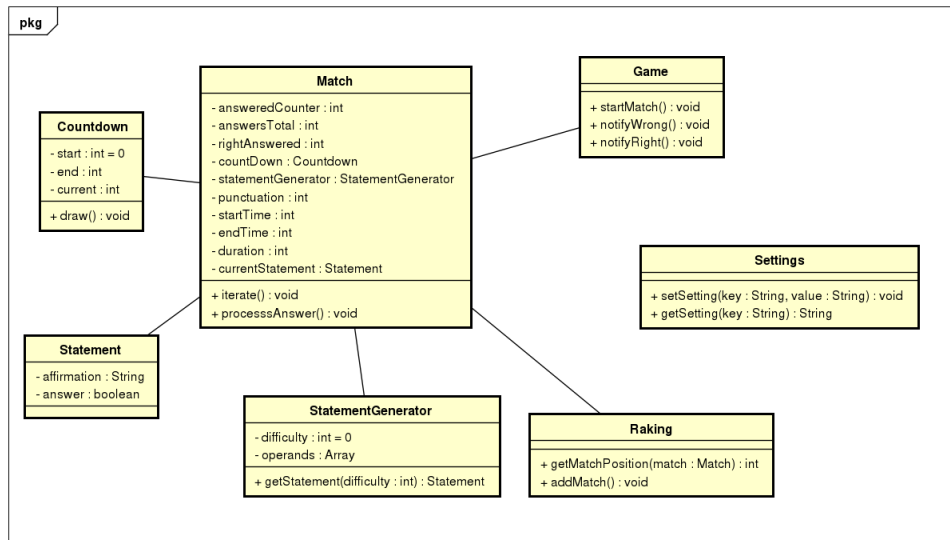
Este serviço possibilita que se faça upload de um arquivo compactado contendo os fontes – ou apontando para um repositório no GitHub – que no tempo desta pesquisa não estava funcionando; e se gere o APK para o Android nativamente.

E.3.1 BIBLIOTECAS WEB

O Google Chrome utilizá o Webkit para renderizar seu conteúdo HTML5. O webkit foi criado pela Apple baseando-se no motor de renderização do Konkeror do projeto KDE. Safari e Opera também fazem uso do Webkit. V8 para JavaScript.

O motor de renderização do HTML5 do Firefox é o XXX. O motor de JavaScript é o.

F Diagrama de classes



powered by Astah

Fig. F.1: Diagrama de classes completo